



**ESCRITA ENQUANTO MÓBILE DE CURA: ENTREVISTA COM
LÍLIAN PAULA SERRA E DEUS, MINEIRA, MÃE, ESCRITORA,
POETA, INTELLECTUAL, PESQUISADORA, PROFESSORA
UNIVERSITÁRIA AFRO-BRASILEIRA**

Wellington Marçal de Carvalho
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
E-mail: marcalwellington@yahoo.com.br

Entrevista com Lílian Paula Serra e Deus concedida a Wellington Marçal de Carvalho, em 26 de março de 2021.

Wellington - Primeiro quero agradecê-la pela disponibilidade em conceder essa entrevista. É da maior importância essa abertura para conversar, ainda que por escrito, e conhecer um pouco mais sobre o seu ser/estar nesse mundo de tantas e necessárias lutas.

LPS - Wellington, eu que agradeço por esta oportunidade, por me possibilitar falar sobre o meu processo criativo, minhas publicações. Como sabe, sou professora. Tenho muito amor pela minha profissão, mas o que efetivamente preenche a minha vida de significados é a escrita literária. Sempre foi, mesmo quando meus textos não são pensados para publicação. O processo de escrita elabora quem eu sou, organiza o meu caos e me ancora. É um lugar de acolhimento de mim para mim mesma. Só depois penso nos possíveis leitores.

Wellington - Poderia compartilhar algumas informações de ordem mais biográfica? Professora alguma religião? Em que cidade nasceu? Como foi sua infância? E os primeiros contatos com livros, primeiras leituras e contato com bibliotecas?

LPS - Eu sou mineira, de BH e agora morando em Salvador, por causa do meu trabalho como professora na UNILAB, entendo ainda mais o quanto essa identidade mineira ressoa forte em

mim. Em meio à pandemia, quarentena, eu entendo mais do que nunca que meu lugar de pertencimento é Minas Gerais.

Com relação à religiosidade, sou umbandista. Meu avô, minha maior referência de vida, era católico fervoroso. Foi com ele que aprendi a rezar, foi ele que me apresentou Deus e todos os santos e anjos com os quais convivi e que me protegeram durante toda a minha infância, embora o sagrado mesmo, naquele momento, para mim, estivesse em minha relação com meu avô, meu preto velho. (rs)

Eu sou médium e na adolescência os processos de mediunidade se fizeram muito presentes em mim. Eu não sabia muito bem como lidar com o que me acontecia, não entendia os processos, mas também não resistia a eles: às vezes, muitas vezes, ouvia vozes, desmaiava quando em hospitais e isso me fez procurar um entendimento maior sobre o que acontecia com meu corpo. Foi aí que uma amiga me apresentou a Umbanda, aos meus vinte e poucos anos. Desde então, o sagrado para mim passou a morar ali, junto aos pretos velhos, orixás, caboclos, exus, pomba-gira. Sempre tive muito orgulho da casa de umbanda que frequentei ao longo de quase duas décadas, quando ainda morava em BH. Era, ou melhor, ainda é, uma casa comandada por uma senhora linda, uma mulher, D. Ruth, que hoje deve estar com mais de oitenta anos. tenho também acompanhado o movimento que a Umbanda tem feito de fortalecimento de publicações importantes em meio a um cenário de perseguições, intolerância religiosa, obviamente, pautadas no racismo sistêmico.

Com relação à minha infância, esse é um lugar para o qual sempre volto. Acho que, de certa forma, todos nós estamos sempre em busca de um retorno para esse lugar da infância, mesmo que em alguns momentos não tenha sido fácil estar lá. Minha infância foi muito difícil porque perdi a minha mãe, a grande referência de toda criança, muito cedo. Ela morreu quando eu tinha de cinco para seis anos. Não me lembro dela, mas sei que passei uma vida buscando por essa mãe. Mesmo que eu não tenha tido muito contato com ela, acho que meu amor pela leitura veio muito da leitora que talvez ela fosse: na minha casa da infância havia muitos livros com a assinatura dela na primeira página. Eram esses os livros que eu pegava para ler. Então, de alguma maneira, foi a literatura que me apresentou para a mãe com a qual só tive contato através da ficção, entende? Meu avô também foi uma grande referência para mim com relação à leitura. Ele sempre lia um livro para mim e para meus irmãos quando nos colocava para dormir. Então, literatura, para mim, antes de qualquer outra coisa, é afeto.

Wellington - Como foi construída sua trajetória escolar? Como surgiu o desejo de cursar Letras? Como foi seu ingresso e primeiros passos na Universidade durante a graduação? E como foi a continuidade com a pós-graduação, no mestrado e doutorado? Quais foram as pesquisas que realizou nessas etapas?

LPS - Minha vida inteira estudei na mesma escola particular de classe média/classe média alta de BH. Era uma escola de brancos e a minha cor sempre destoou ali. Foi na escola que experimentei pela primeira vez o racismo, que entendi que a sociedade se dividia em virtude da cor e foi lá que entendi também que quanto mais pigmentada fosse a pessoa, maiores seriam os muros que ela teria que atravessar. Embora negra de pele clara, em um país em que o racismo é pigmentocrático, os efeitos do racismo sempre se fizeram muito fortes naquela escola para mim.

O meu primeiro curso de graduação foi Direito, que cursei por dois anos e meio, à contragosto, quase obrigada pelo meu pai, que só entendia como graduação Direito e Medicina, infelizmente. Eu odiava aquele curso e então fiz vestibular para jornalismo e psicologia. Passei nos dois, mas não tive condições de pagar nem mesmo a matrícula. Foi aí que comecei a trabalhar e a pensar em Letras como uma possibilidade de graduação e realização profissional. Cursei a graduação, mestrado e doutorado na PUC-Minas. No mestrado, orientada pela querida professora Nazareth desenvolvi uma pesquisa intitulada *A língua é minha pátria: Híbridações e expressões de identidades nas literaturas Africanas em Língua Portuguesa* e no doutorado, também orientada pela professora, a pesquisa desenvolvida foi: *Memória, identidades e bastardia em As Visitas do Dr. Valdez*, de João Paulo Borges Coelho, *O Outro Pé da Sereia*, de Mia Couto e *Leite Derramado*, de Chico Buarque.

Wellington - Poderia falar sobre a sua participação no Grupo de Estudos Estéticas Diaspóricas (GEED)?

LPS - Eu sempre tive muita admiração pela professora Maria Nazareth Soares Fonseca, sempre quis ser orientada por ela no mestrado e no doutorado, o que, felizmente, acabou por



se concretizar. Acho que você entende bem essa admiração, né? Quando ingressei no mestrado, a professora tinha acabado de criar o GEED e, pouco depois me fez o convite para fazer parte do grupo que, obviamente, eu prontamente aceitei. Tenho profundo respeito e admiração por todos os integrantes do GEED, pelas ricas discussões que são fomentadas no grupo. Por motivos que a vida vai nos impondo, passei um tempo afastada e, felizmente, você me mostrou o caminho de volta.

Wellington - Quando começou a escrever textos literários?

LPS - Se não me engano, meu primeiro texto literário foi um poema, que escrevi no dia em que perdi meu avô, aos 14 anos. Se não foi o primeiro, foi esse que ficou na memória para mim. Acho que já te disse isso uma vez, Wellington, a literatura para mim abarca uma perspectiva de cura.

Sempre que preciso elaborar uma dor, uma perda, uma história, um fato eu recorro a escrita. Essa sempre foi a minha ponte com o mundo.

Wellington - Como vê a recepção do seu livro de poesias, o *Palavra em preto e branco* (2017)? Quais as temáticas te inspiraram e foram materializadas na lírica naquele livro?

LPS - A recepção do meu primeiro livro foi muito positiva. Lembro-me que eu era professora no IFNMG à época e que meus alunos me pediam o livro e depois vinham comentar sobre ele comigo, sempre de maneira muito carinhosa. Hoje penso que a identificação talvez tenha se dado por ser um livro com poemas da vida inteira, até ali. Há poemas da minha adolescência, da minha vida adulta, está tudo lá. Lá estava a mulher que eu era naquele momento e vejo que já havia o questionamento do que é ser mulher nesse mundo de “machos”, que acho que é a temática que me motiva a minha escrita.

Wellington - O que significa o ato de escrita, de elaboração literária, para você?

LPS - Eu sou na escrita, Wellington. Eu existo a partir desse lugar que para mim é cura, mas também é um lugar político, um lugar de existência, ressignificações e resistência. Nunca



acreditei em uma literatura dissociada da política. Mesmo quando não há uma motivação política explícita em um texto literário, ele é político por partir de uma intenção ingênua de não o ser. Literatura é, para mim, sobretudo, política no sentido mais amplo da palavra; na perspectiva daquilo que pauta as nossas relações cotidianas, nossas escolhas, nossa rotina, nossas desigualdades, nossas diferenças.

Wellington - Que papel você atribui à literatura nesse tempo/espaço que habitamos?

LPS - Nesse momento a vida, acredito que não somente a minha, só tem feito sentido através da arte. Nesse contexto de caos, golpes, e desgovernos, só mesmo a arte para remediar a nossa dor. São quase 300 mil vidas perdidas no Brasil, agora em março. Têm morrido mais de três mil pessoas ao dia pela junção dos efeitos nocivos do vírus à ausência do Estado. E aí penso em Elza Soares, Emicida, Chico Buarque, Chico César, Lubi Prates, Itamar Vieira Junior, Jeferson Tenório, Paulo Scott, Sheyla Smanioto, Luciany Aparecida, Marcela Dantes, Kleber Mendonça, Juliano Dornelles, Petra Costa e tantos outros que nos devolvem a humanidade através de suas artes sejam elas literárias ou outras formas de manifestações artísticas.

Wellington - Você teve um conto publicado em uma das edições dos *Cadernos Negros*. Pode nos falar sobre esse processo?

LPS - Eu sempre escrevi crônicas, algumas publicadas em jornais de Minas e poemas, mas nunca havia escrito um conto. Eu queria muito publicar nos *Cadernos Negros* e naquele ano a edição era dedicada aos contos. Foi quando decidi que escreveria meus primeiros contos: *Necropolítica* e *Fake News*. *Necropolítica* foi aprovado pelos críticos/jurados, mas *Fake News*, embora muito elogiado por alguns, não foi entendido como conto por todos, por isso não entrou na edição. É aquela coisa das pessoas quererem rotular o que você escreve; quererem aprisionar o gênero em uma forma única. Isso me incomoda um pouco. Os gêneros, sobretudo os literários, nascem de rupturas, são híbridos e não cabem em classificações estanques. Não é somente a temática que rasura/problematiza o sistema; a forma também o faz. É assim que penso a minha literatura.



Enfim, apesar disso, participar dos *Cadernos Negros* foi uma grande alegria para mim, que se renova através da próxima edição da antologia, que trará novamente um texto meu, um poema acerca do colorismo.

Wellington - Durante os primeiros meses da pandemia, em 2020, você produziu um conjunto de contos que formou o seu segundo livro. Poderia compartilhar como isso se deu? Como vê a recepção dessa obra?

LPS - Aproximadamente um mês e meio antes da quarentena, eu perdi meu pai, através de um processo muito difícil e doloroso para ele e para a família. Numa semana meu pai estava dirigindo, caminhando, vivendo uma vida aparentemente normal; na outra ele estava internado, preso a uma cama de hospital e a um corpo físico profundamente adoecido. Pedi licença do trabalho e fui para BH acompanhar meu pai nos seus últimos dias, embora ele não tivesse essa consciência. Desde então, ao longo de 15 dias, estive, diuturnamente com ele no hospital e todo o sofrimento dele me marcou muito. Voltei para Salvador, onde moro e trabalho, e uma semana antes da quarentena se efetivar, em março de 2020, a vida me encaminhou para uma separação de um casamento de muitos anos. Aí, novamente, veio para mim a necessidade da literatura como elaboração, no sentido da categoria psicanalítica mesmo: era preciso lidar com aqueles dois lutos em meio ao isolamento social. Então, mais uma vez, a literatura foi o meu lugar de cura. Muito no sentido daqueles versos do Drummond: “meu verso é minha consolação/ meu verso é minha cachaça/todo mundo tem sua cachaça”. Foi quando mergulhei na escrita do livro *Não é preciso ter útero para ser mulher* e dali eu, efetivamente, renasci.

A recepção do livro tem sido incrível, muito melhor do que eu esperava. Tenho recebido retornos muito positivos sobre as narrativas, o que tem me deixado muito feliz. Tenho tido encontros muito felizes também: ouvir o Marcelino Freire, por exemplo, um escritor que admiro tanto, tecer elogios tão generosos sobre o meu texto, deixou-me em um lugar de muito acolhimento. Tenho assistido a leituras sobre meus contos em canais do Youtube, tenho sido convidada para falar sobre o livro em grupos de pesquisa e essas discussões têm se replicado nos mais diversos espaços. Isso tem sido muito importante para mim, a gente escreve para ser lido.

Wellington - Como concilia essas múltiplas facetas de atuação, mãe, intelectual, mulher, professora e tantas mais, nesses tempos tão conturbados que marcam a vida de muita gente mundo afora?

LPS - Essa é uma pergunta bem difícil de responder, Wellington. Acho que porque tenho me debruçado sobre ela e as respostas caminham na direção da dolorosa consciência do lugar de opressão que nós mulheres ocupamos em sociedades estruturadas pelo patriarcalismo. Foi desse questionamento que surgiu o conto que nomeia o livro.

Nesse contexto de pandemia, eu, enquanto mulher, tenho tido que me desdobrar em várias. A maternidade, embora no meu caso tenha sido um desejo, me suga grande parte do dia, do corpo, da mente. Não sei te dizer quantas vezes ao dia ouço a palavra mãe e, embora eu ame meu filho, às vezes só o que eu queria era, em alguns dias, ser somente a mulher, sem ter que ser 24 horas mãe, enquanto presença, atenção, acolhimento, cuidado, entende? Acho que aquele poema *Cansaço*, do meu primeiro livro, tenta traduzir um pouco isso.

Como professora, nesse contexto de pandemia, um dia ouvi, em uma das intermináveis reuniões de colegiado, um colega dizer: “nós, aqui como professores, estamos todos, no mesmo barco”. Não, não estamos. Mas, é isso que a nossa sociedade faz: apaga, silencia, faz invisíveis, naturaliza as violências que as mulheres sofrem em todos os espaços, que não são as mesmas para todas, mas que não deixam de ser violências. Talvez o professor que tenha dito isso, não tenha filhos, ou ainda que os tenha, tem também o aval da sociedade para “abandoná-los” quando achar necessário; talvez ele tenha as vinte e quatro horas do seu dia para pensar em si, exclusivamente em si, e nas demandas da sua profissão; talvez ele chegue cansado em casa, ou esgotado desse contexto de aulas online e possa decidir se vai ou não preparar algum alimento para comer, porque ele talvez precise se preocupar somente com a sua alimentação; talvez ele nunca precise brigar na justiça por uma pensão para partilhar igualmente as responsabilidades financeiras do ex-casal para com os filhos; talvez ele não precise acompanhar o filho nas demandas da escola, da pandemia, da adolescência...pra *ele* há a possibilidade do talvez. Para *elas* sempre há essa possibilidade. Para nós mulheres não há possibilidades, muitas vezes não há escolhas, portanto não estamos, definitivamente, no mesmo barco. E esse é somente um exemplo de uma mulher, mãe, negra de pele clara, de



classe média, cercada por alguns privilégios que muitas outras não terão. Nós mulheres sempre estivemos nos piores barcos, quando há, para nós, barcos. Algumas de nós, sobretudo, as negras e pobres, nem barcos terão para atravessar a correnteza com alguma ilusão de segurança. Ser mulher nesse mundo é sempre nadar contra a corrente.

Wellington -Que mensagem considera necessária ser veiculada pela via da ficção? Sobretudo sendo uma escritora afro-brasileira?

LPS - Não sei se efetivamente uma mensagem, Wellington. Eu sei que minha escrita parte da experiência; da minha experiência de mulher nesse mundo sexista. É o incomodo de ocupar esse lugar e de ver outras mulheres em lugares de opressão ainda mais hostis que move a minha escrita. Nesse sentido, a minha literatura é sempre política, é o meu corpo político de mulher negra que move a minha escrita.

Wellington - Sua literatura nos apresenta uma galeria de personagens que escancaram os regimes de violência na relação dentro e fora do lar. Parece, muitas vezes, uma tentativa de gritar, a plenos pulmões, que da forma como as coisas se dão, não pode ser mais. Isso é perceptível desde as poesias do primeiro livro, até os contos do livro mais recente. É por aí mesmo?

LPS - Exatamente isso, Wellington. Eu acredito que a arte pode mover o mundo para uma direção melhor. Um mundo que não mate tantas mulheres, um mundo que não forje homens que odeiam mulheres pelo simples fato de serem mulheres, um mundo que não golpeie Dilmás, que não coloque a presidenta de pernas abertas sobre os tanques de gasolina dos carros, que não crie a tese do estupro culposo, que não mate Marielles. Obviamente, não tenho a pretensão de achar que a minha arte/literatura promoverá essa mudança, mas o meu mundo ela consegue ressignificar e se puder afetar outros mundos, outras subjetividades, já é um grito alcançando um ouvido que não somente o meu.

Eu acho que toda mulher, escritora ou não, em sociedades como a nossa, em algum momento precisará gritar e o meu grito, particularmente, encontra eco nesse lugar, na literatura.



Wellington - Você tem participado de vários momentos, pela *internet*, de atividades que discutem diferentes aspectos de sua obra. Como vê esse interesse sobretudo no contexto social desse país que, em grande parte, ainda acredita no mito da democracia racial?

Wellington - Você publica alguns textos literários, em prosa e em poesia, em redes sociais. Fale sobre esses textos e a motivação de publicá-los nessas outras plataformas.

LPS - Eu não lido muito bem com redes sociais, não lido muito bem com exposição, mas na quarentena senti a necessidade de me comunicar de alguma forma. Foi quando ativei meu Instagram que não tinha, até então, nenhuma publicação. Queria partilhar literatura, não somente a minha. Foi assim que enveredei por esses caminhos. Desde, então, felizmente, muitas pessoas têm me procurado para refletir sobre literatura, sobretudo, sobre meus textos.

O interesse que tem se mostrado cada vez maior pela literatura produzida por mulheres, especialmente, mulheres negras, é um alento nesse país que ainda tem um sistema literário tão homogêneo e centrado na autoria de homens brancos, como nos confirma a pesquisa desenvolvida pela professora Regina Dalcastagnè, da UNB. Se o racismo nos estrutura enquanto sociedade, as facetas desse sistema perverso também estarão presentes no campo literário. Gosto muito de um poema da escritora Luciene Nascimento que trata desse assunto: “Sociedade é construção/e o racismo é o cimento/ componente estrutural/formador fundamental/ da estrutura e do acabamento/ tem que haver desconstrução/porque tentar sugar cimento/ sem romper a estrutura/ é como por atadura/ em anos de adoecimento.” Pensando nisso, a gente entende que não por acaso a escritora mineira Conceição Evaristo não teve seu nome aceito para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. A nossa literatura ainda precisa disputar, de maneira muito desigual, espaços de existência.

Nesse momento do país, no qual temos no governo um presidente racista e um vice que nega a existência do racismo no Brasil, é fundamental, a meu ver, fortalecer as literaturas de mulheres negras e isso se faz, sobretudo, através da escolha política de ler essas mulheres.

Wellington - Quais os projetos literários em andamento? Você está a trabalhar na escrita de seu primeiro romance, não é mesmo!? O que está para nascer?

LPS - Sim, estou escrevendo meu primeiro romance. Nele, os grandes protagonistas serão uma mulher negra de pele clara, lida como parda pelo IBGE, e a história do país, que tento (re) contar a partir da ótica dessa mulher. As experiências sociais dessa mulher são

diretamente atravessadas pelas políticas dos vários governos desse país, o que parece óbvio, mas, muitas vezes, numa sociedade adoecida como a nossa, não fazemos essas conexões. Muitas vezes não se enxerga que o homossexual assassinado na esquina teve sua morte avalizada pelo presidente; que o fato do Brasil ser um dos países com o maior número de feminicídios do mundo estabelece uma relação direta com o golpe de 2016 ou com fala do presidente atual sobre o nascimento de sua única filha, segundo ele, resultado de uma fraquejada; que a bala que sai da arma do policial e encontra o corpo de um menino preto atende a um projeto genocida de Estado; que a pessoa que se contamina em um metrô ou ônibus lotado, em meio a pandemia, e morre por COVID tem cor, raça e classe social definidas dentro dessa estrutura perversa que se inicia lá em 1500. Essa é a “história” que quero contar.

Wellington - Para suspender essa nossa conversa poderia nos dizer quais autoras e autores mais te influenciam, ou te inspiram? E, da mesma forma, quais teóricas e teóricos você considera essenciais para o entendimento e enfrentamento desse “mundo cão”?

LPS - Tenho lido muitas escritoras, muitas mulheres e muitas obras têm me marcado muito como *Mulheres Empilhadas*, de Patrícia Melo; *Meu corpo ainda quente*, de Sheyla Smanioto; *Florim*, de Luciany Aparecida; *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei; a escrita de Zainne Lima da Silva, que conheci através dos *Cadernos Negros*; Monique Malcher; Natalia Borges Polesso, Cidinha da Silva; Eliana Alves Cruz; Maria Valério; Djamília Pereira Almeida; Dina Salústio, Bernardine Evaristo, Geni Guimarães, Conceição Evaristo, Lubi Prates, Tatiana Nascimento. Tenho acompanhado muito também as mulheres no SLAM, essa literatura que nasce nas periferias, que reivindica por espaços, por direitos, por igualdade, que resiste... há tantas mulheres maravilhosas produzindo literatura hoje.

Com relação aos teóricos, tenho lido Grada Kilomba, bell hooks (que já marca na escolha do nome uma identidade política) Silvia Federici, a professora Nazareth (que, para mim, sempre será a maior referência), Angela Davis, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, Gerda Lerner, Audre Lorde, Achille Mbembe, Fanon, Luiz Antonio Simas, Silvio Almeida, Sidney Nogueira, Rodney William, Joice Berth. Esses são os que me lembro.



Wellington - Lílian, agradeço de coração pela sua sempre boa energia e, de igual modo, pela letra afiadíssima com que nos brinda! Até breve!!!

LPS - Eu que agradeço, Wellington! Agradeço pela generosidade das palavras, pelo belo prefácio que assinou para o meu livro de contos, pelas perguntas e pela amizade de tantos anos.